

# Duas novas datações para contextos funerários do Sul de Portugal: a Anta da Serrinha (Monforte)

Leonor Rocha<sup>a,b,@</sup> e Paula Morgado<sup>c,d</sup>

<sup>a</sup>Docente Universidade de Évora/ Departamento de História

<sup>b</sup>Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/0281/ 2021 - FCT

<sup>c</sup>Arqueóloga da Câmara Municipal de Monforte

<sup>d</sup>Investigadora do CHAIA/ UÉvora

@Contacto: lrocha@uevora.pt

## Resumo

A recente intervenção realizada na Anta da Serrinha (Monforte, Portugal) permitiu identificar uma complexa realidade funerária e arquitetónica, com várias fases de utilização e remodelações do seu espaço sepulcral. A existência de restos osteológicos conservados permitiu ainda realizar duas datações de C<sup>14</sup> que vêm contribuir para o conhecimento das práticas funerárias desta região.

## Palavras-chave

Megalitismo | Espólios | Datações Absolutas | Monforte | Portugal

## Résumé

La récente intervention à Anta da Serrinha (Monforte, Portugal) a permis d'identifier une réalité funéraire et architecturale complexe, avec plusieurs phases d'utilisation et de remodelage de son espace sépulcral. L'existence de vestiges ostéologiques conservés a également permis de réaliser deux datations C<sup>14</sup>, qui contribuent à la connaissance des pratiques funéraires dans cette région.

## Mots clés

Megalithisme | Culture matérielle | Datations radiocarbone | Monforte | Portugal

## 1. A Anta da Serrinha

A Anta da Serrinha seria um dos grandes monumentos de arquitetura megalítica existentes no atual concelho de Monforte, com os esteios da câmara a atingirem cerca de 3m de altura. Este monumento encontra-se referido na bibliografia portuguesa desde meados do séc. XX (Leisner e Leisner, 1959) e foi classificado como sítio de Interesse Público (Portaria 740 – BC/2012, de 24 de dezembro de 2012). Infelizmente, encontra-se em mau estado de conservação, com apenas metade da câmara conservada e o corredor muito danificado. A nível da câmara desapareceram os esteios (3) da metade Sul e, do corredor, apenas se visualizavam o topo de 4 pedras que aparentavam ser o topo dos esteios. Existiam ainda 3 fragmentos de tampa/esteios, caídos na área do corredor e câmara; um deles, de grandes dimensões, provavelmente o chapéu que cobria a câmara, o qual apresenta inúmeras covinhas e marcas de corte de forma arredondada, muito provavelmente para se obter uma mó. No âmbito da intervenção realizada pelas signatárias, foram identificados mais 3 esteios no corredor e um esteio da câmara caído a cerca de 7m a SW da câmara do monumento.

**Figura 1.** Localização da Anta da Serrinha (C.M.P. 1:25 000, Fl. 398)



Como se pode observar na figura 1 a anta da Serrinha apresenta uma localização pouco usual para o megalitismo alentejano, em cotas muito baixas, a uma escassa dezena de metros da Ribeira Grande, na confluência de três ribeiras, a de Almuro, a da Leca e a de Monforte o que se traduz no período das chuvas em grandes caudais que ainda atualmente fazem chegar o leito de cheias até ao monumento.

### 1.1 Os contextos Arqueológicos

Os dados compilados nesta intervenção, realizada no âmbito do projeto de investigação em curso permitiram-nos aceder a contextos únicos e começar a vislumbrar os traços peculiares deste sítio, com vários períodos de ocupação, mas também de destruição. Não obstante o estudo dos espólios ainda se encontrar em curso estes apontam para, no mínimo, quatro fases de utilização, compreendidas entre o Neolítico final e a 1<sup>a</sup> Idade do Ferro a que se seguem sucessivos episódios de violação/destruição.

### 1.1.1 1ª Fase: Construção e ocupação inicial

**Figura 2.** Vista Norte do monumento.



Estruturalmente a anta apresentava câmara com 4 esteios (originalmente seriam 7), de planta poligonal e corredor médio, com 3 esteios de cada lado. A escavação até à base dos esteios do corredor permitiu verificar que estes assentavam na camada de areias de grosso calibre (cascalho), de origem fluvial, com os esteios rodeados de pedras de dimensões médias/grandes, para assegurar a sua sustentabilidade (Fig.3).

**Figura 3.** Pormenor dos calces de um dos esteios do corredor.



Em relação às primeiras ocupações funerárias estas apresentavam-se muito perturbadas, resultado das ocupações posteriores e eventuais episódios de violação, restando conservados apenas pequenos depósitos de ossos humanos e espólios, junto aos esteios do corredor.

Em termos cronológicos, esta fase deve situar-se nos finais do 4<sup>o</sup> milénio/ inícios do 3<sup>o</sup> milénio a.C., atendendo ao espólio recuperado (pontas de seta de base concava, lâminas mais delgadas, geométricas, cerâmica, contas de colar e placas de xisto). Os restos osteológicos remetidos para datação, parcialmente cremados, permitiram obter as duas datações, iguais, desta fase.

### **1.1.2 2<sup>a</sup> Fase: A ocupação do Calcolítico**

A fase seguinte poderá ter existido em continuidade, mas terá ocorrido já em meados do 3<sup>o</sup> milénio a.C., no Calcolítico pleno, a que poderá estar associada a remodelação da arquitetura do corredor (entrada). A nível dos espólios, não se identificam diferenças significativas, a não ser a maior diversidade de pontas de seta, lâminas mais largas, alfinetes de cabeça em osso e na presença de duas alabardas. Infelizmente os ossos recolhidos estavam em muito mau estado e não foi possível obter-se nenhuma datação uma vez que os analisados não possuíam colagénio suficiente. Não se descarta a hipótese de se fazer novas tentativas.

### 1.1.3 3ª Fase: A ocupação da Idade do Bronze

Figura 4. Vaso carenado identificado no corredor.



A terceira fase de utilização/reutilização deste monumento deve ser consentânea com outras das alterações arquitetónicas registadas, nomeadamente a introdução dos dois pequenos esteios em grauvaque na separação câmara/corredor, a construção de um átrio associado a uma calçada de seixos e à deposição ritual identificada na câmara dentro de uma pequena caixa de xisto. A esta fase estão associados vasos carenados (Fig. 4) e pequenas caixas retangulares, em cerâmica, para além de eventuais manutenções de espólios anteriores de pedra lascada cuja longa diacronia de utilização impede uma caracterização cronológica mais fina. Em termos cronológicos, e ainda sem datações absolutas, esta fase deverá estar inserida no 2º milénio a.C.

### 1.1.4 4ª Fase: A ocupação/reutilização da Idade do Ferro

Apesar de não se poder determinar com precisão devido às violações posteriores, no decurso da 1ª Idade do Ferro (séc. VI-IV a.C.) seguiu-se uma nova (re)utilização deste monumento, provavelmente apenas com uma inumação, no corredor, sobre um dos esteios do lado Sul. Este esteio encontrava-se inclinado para o interior, com o conseqüente desmoronamento dos contrafortes exteriores. Em termos de espólios foi recolhida nesta área, uma conta de colar, em pasta vítrea e algumas cerâmicas de roda.

### 1.1.5 Fases seguintes: Violações e destruições do espaço sepulcral

**Figura 5.** Pormenor das covinhas e tentativas de corte, com recurso a cunhas de madeira, no chapéu da câmara.



As fases seguintes são mais difíceis de localizar no tempo, mas seguramente que terão ocorrido entre o período romano e a 2<sup>a</sup> metade do séc. XX. A destruição da arquitetura, com remoção e corte de esteios e tampas terá sucedido desde cedo uma vez que os esteios foram partidos com recurso às tradicionais cunhas de madeira. Também o chapéu da câmara apresenta uma tentativa de corte para obtenção de uma mó circular (Fig.5).

Os esteios que foram removidos da câmara, os que se apresentam amputados no corredor e respetivas tampas deverão ter sido utilizados como matéria-prima para outras construções que, podiam ir desde componentes de moinhos de água (mós) até muros, vedações ou mesmo para a estrada que foi construída nas imediações. O espólio encontrado representa cronologias muito distintas, desde o período medieval/moderno (cerâmica comum a torno, vidradas, moedas) até a períodos muito recentes (faiança, arames, vidros, botões, tampas garrafas em metal, latas, etc) que se encontravam depositados sobretudo nos níveis superiores.

## 2. A Anta da Serrinha no contexto do Sul de Portugal

A avaliação geral da Anta da Serrinha permite-nos concluir que se enquadra pelo tipo de arquitetura e espólio recolhido, nas tipologias típicas da 2ª metade do 4º milénio desta região (Rocha y Morgado, 2019), com monumentos de câmaras de grande dimensão e corredores largos, mais ou menos compridos, como a anta Capela de S. Dionísio (Pavia), a anta da Cabeceira 1 (Brotas), a Anta 1 da Ordem (Avis), a anta do Tapadão (Crato), entre outras. Estes monumentos, para além de apresentarem uma longa diacronia de utilização (até pelo menos finais do 3º milénio a.C.) também foram os que parecem ter atraído maior interesse e curiosidade ao longo dos tempos, razão pela qual acabam por testemunhar diferentes sequências de reutilizações, violações e destruições, que revolveram e misturaram as ocupações primárias, criando mais dúvidas do que certezas sobre as suas cronologias, sobretudo quando não podemos ter acesso a datações absolutas (Rocha, 2016; 2020b).

Os dados obtidos nesta intervenção conjugados com as duas datações permitem-nos para já, datar uma das fases da sua utilização, provavelmente a que se encontra associada às placas de xisto das quais, infelizmente, apenas se identificaram pequenos fragmentos (existe registo de placas recolhidas à superfície) que comprovam as fases de violação deste monumento.

Em termos gerais, os espólios recolhidos durante o séc. XX no Norte Alentejano reforçam, também eles, as especificidades regionais desta área nomeadamente em relação às placas de grés presentes em vários monumentos megalíticos, mas infelizmente com poucas datações absolutas associadas. As datações realizadas obtidas para já na anta da Serrinha (Tabela 1), são similares às da anta da Horta, Coureleiros 4 e Bola da Cera (Tabela 2).

**Tabela 1.** Datações absolutas da anta da Serrinha

Sítio	Local	Tipo	Base	Cod. Lab.	BP	2 $\sigma$ cal BCE	Bib.
Serrinha	Monforte	Anta	Ossos humanos	Beta - 507395	4290±30	2942-2877	
Serrinha	Monforte	Anta	Ossos humanos	Beta - 516220	4290±30	2942-2877	

A importância do conjunto megalítico desta região deve ser analisado na sua globalidade, atendendo às suas especificidades nomeadamente no que se refere à presença das placas em grés, mas as datações existentes remetem para um período de utilização, incontestável, entre os finais do 4.º milénio a.C./ primeiros séculos do 3.º milénio a.C. mas que se pode prolongar até ao 2º milénio a.C., permanecendo ainda por clarificar as datações mais antigas, que nos podem remeter para as fases de construção destes monumentos megalíticos ou, eventualmente, outras estruturas anteriores existentes no local. Mas, como referimos, apenas com a realização de mais projetos de investigação que incluam a realização de novas escavações, se poderá vir a obter material orgânico suscetível de ser datado.

**Tabela 2.** Datações absolutas de monumentos megalíticos do Norte Alentejano

Sítio	Concelho	Tipo	Amostra	Cod. Lab	BP	2 $\sigma$ cal BCE	Bibliografia
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta-194313	4480±40	3350-3080	Oliveira, 2006
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta -AH-M11	4190±50	2930-2860	Oliveira, 2021
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta -AH-O10	4390±40	3350-3020	Oliveira, 2021
Courelheiros 4	Castelo de Vide	Anta	Carvões	ICEN-976	4240±150	3340-2470	Oliveira, 1997
Bola da Cera	Marvão	Anta	Osso humano	ICEN – 67	4420±45	3331-2916	Oliveira, 1997
Bola da Cera	Marvão	Anta	Osso humano	ICEN – 66	4360±50	3096-2885	Soares e Cabral, 1993: 227
Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN-978	7660±60	6640-6420	Oliveira, 1997
Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN-977	3650±110	2350-1730	Oliveira, 1997a
Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 979	3720±45	2290-1970	Oliveira, 1997a
Castelhanas	Marvão	Anta	Carvões	ICEN-1264	6360±110	5448-5059	Oliveira, 2021
Castelhanas	Marvão	Anta	Osso humano	OXA-5432	3220±65	1630-1320	Oliveira, 2021
Rabuje 5	Monforte	Anta	Carvões	Beta-191133	4650±50	3540-3340	Boaventura, 2009

### 3. Bibliografia

BOAVENTURA, R. (2009): *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Lisboa (tese de doutoramento policopiada).

LEISNER, G. y LEISNER, V. (1959): *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen 2*, Berlin.

OLIVEIRA, Jorge (1997): *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa.

OLIVEIRA, J. (2006): *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa.

PARREIRA, R. (1996): *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o estudo das antas portuguesas*. Porto. (Tese Policopiada).

ROCHA, L. (2016): "Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano". *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos & Memórias* 9: 167-177.

ROCHA, L. (2020): "Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)/ Onde se enterravam os nossos mortos na Pré-história Recente?: O problema das arquiteturas versus cronologias no Alentejo Central (Portugal)". *Pre and Proto-historic Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford: 86-94.

ROCHA, L. (2020b): "Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões". *Scientia Antiquitatis Évora*: .

ROCHA, L. y MORGADO, P. (2019): Reuse of ancient megalithics monuments during Metal Ages: the dolmen of Serrinha (Monforte, Portugal)". *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular* 8: 25-30.







# Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): INTCAL13)

(Variables:  $\delta^{13}C = -23.1$  o/oo)

**Laboratory number**    **Beta-507395**

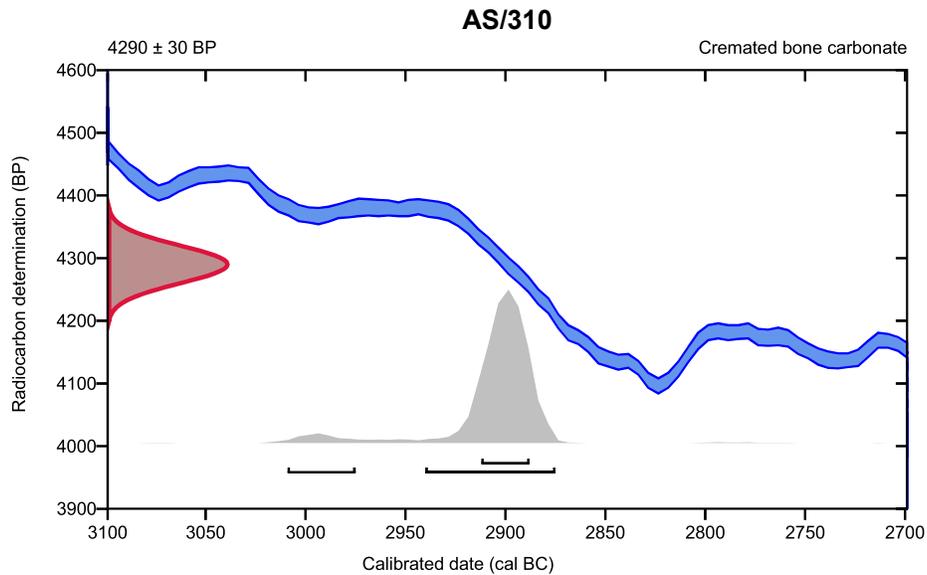
**Conventional radiocarbon age**    **4290 ± 30 BP**

95.4% probability

(90.5%)	2942 - 2877 cal BC	(4891 - 4826 cal BP)
(4.9%)	3011 - 2977 cal BC	(4960 - 4926 cal BP)

68.2% probability

(68.2%)	2914 - 2890 cal BC	(4863 - 4839 cal BP)
---------	--------------------	----------------------



**Database used**  
INTCAL13

### References

**References to Probability Method**

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

**References to Database INTCAL13**

Reimer, et.al., 2013, *Radiocarbon*55(4).

## Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory

4985 S.W. 74th Court, Miami, Florida 33155 • Tel: (305)667-5167 • Fax: (305)663-0964 • Email: beta@radiocarbon.com